



IV SIMPÓSIO LUSOBRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA

IV Simpósio Lusobrasileiro de Cartografia Histórica

Porto, 9 a 12 de Novembro de 2011

ISBN 978-972-8932-88-6

Daniela Fernandes - dan.fer@portugalmail.pt
CMP - Casa do Infante

DE MATO GROSSO A SÃO PAULO: UM PERCURSO ... DUAS FONTES!

RESUMO:

Partindo do *Mappa do leito dos rios Taquary, Cuxiim, Camapoam, Varador de Camapoam, Pardo, Paraná, Tieté e cam.o de terra ... athe a Cidade de S. Paulo*, mandado elaborar por Luís de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres, Governador da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá, em 1788, ao Astrónomo Francisco José Lacerda e Almeida e articulando-o com o respectivo *Diário de Viagem*, do mesmo autor para o mesmo "cliente", tentaremos perceber o que acontece quando submetemos estes dois importantes documentos a um processo de crítica de fontes.

Considerando que exercer a crítica sobre uma qualquer fonte é aferir até à exaustão todas as suas características, potencialidades e limitações, então, estes dois documentos serão sujeitos a um processo "inquirição" externa e interna. Se para a crítica externa observaremos, fundamentalmente, a matéria subjectiva, a matéria aparente e a grafia, no caso da crítica interna serão avaliados os contextos de produção e analisado exaustivamente o conteúdo.

Para a análise de conteúdo, a nossa primeira preocupação, será aferir se o mapa cumpre a mais elementar regra em cartografia, ou seja, se os vários fenómenos estão correctamente localizados. Depois, serão recolhidos e tratados estatisticamente, os fenómenos físicos e humanos descritos no Diário e localizados no Mapa, contabilizando-se aqueles que apenas se referiam no Diário, os que apareciam exclusivamente no Mapa e todos os outros constantes nas duas fontes.

Mapa e Diário, ambos produtos de uma longa e perigosa viagem não só pela difícil navegação, relacionada com questões naturais e com os muitos "estragos" causados pelo índios, submetidos a este "rigoroso" processo de avaliação, transformar-se-ão em verdadeiros *instrumentos* nos múltiplos *caminhos de investigação* possíveis de concretizar partindo deles próprios.

ABSTRAT

Starting with the *Mappa do leito dos rios Taquary, Cuxiim, Camapoam, Varador de Camapoam, Pardo, Paraná, Tieté e cam.o de terra ... athe a Cidade de S. Paulo*, produced by the astronomer Francisco Lacerda and José Almeida, by request of Luís de Albuquerque Melo Pereira e Cáceres, Governor of the Province of Mato Grosso and Cuiaba, in 1788, and linking it

with its respective Diário de Viagem, by the same author to the same "customer", we will try to understand what happens when these two important documents are submitted to a process of sources critique.

Considering that exercise criticism on any source is to thoroughly measure all its features, capabilities and limitations, then, these two documents will be subject to an external and internal "inquiry" process. If for external criticism will be mostly observed the subjective matter, apparent matter and the graphical features, for the internal criticism will be assessed the production contexts and thoroughly analysed its contents.

For content analysis, our first concern will be to assess if the map meets the most basic rule in cartography, meaning, whether the various phenomena are correctly located. Then, will be collected and treated statistically, the physical and human phenomena described in the Diário and located on the map, counting only those who are referred in the Diário, who appeared exclusively on the map and all other which appeared in both sources.

Map and Journal, both products of a long and dangerous journey, not only because of the very difficult navigation, related with natural issues and with the large scaled "damage" caused by the Indians, submitted to this "thorough" evaluation process, will become true instruments in the multiple investigation ways and paths possible to fulfil and achieve starting on their own.

Palavras-chave: Brasil, Séc.XVIII, Crítica fontes, Viagem, Mapa, Diário

I. FONTES DOCUMENTAIS – breve descrição

Fonte “principal”: Mappa do leito dos rios Taquary, Cuxiim, Camapoam, Varador de Camapoam, Pardo, Paraná, Tieté e cam.º de terra desde a Freguesia de N. S. May dos Homens de Araraytaguaba athe a Cidade de S. Paulo, que por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Luiz d'Albuq.º de Mello Per.ª e Caceres do Conselho de S. Mag.e Fidellissima, q. D.º G.º G.º e Cap.º G.º das Capit.ºs de Matto-Grosso, e Cuyaba, e Plenipotenciario das Reaes Demarçaoens de Lemites nas mesmas Capit.ºs Levantou, e fes no anno de 1788, e 1789 / O D.º Astronomo Fran.co Jozé de La-Cerda e Alm.da. - Escala [ca. 1:620 000], 1 grau de latitude = [17,8 cm]. - 1789. - 1 mapa em 3 folhas coladas : ms., color ; 215x61 cm.

Fonte “secundária”: Diarios da viagem, q. por ordem do Ill.º e Ex.º Sñr. Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres fis de V.ª Bella p.ª a Cid.º de S. Paulo pela ordinaria derrota dos rios / Francisco Jozé de La-Cerda e Alm.º, D.º Astronomo. Data: [post 1788]. Nota: trata-se de um caderno de 3 bifólios (34,4cm), inserto no código denominado “Minas do Brasil”, onde se encontram reunidos vários documentos manuscritos, de diferentes dimensões, sobre o Brasil

Arquivo e Núcleo: Biblioteca Pública Municipal do Porto – Núcleo de Reservados, cotas: C-M&A-P.19(17) (mapa); Ms464 (diário de viagem). A localização destes dois documentos no fundo da BPMP, poderá justificar-se pela ligação existente entre Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Caceres e o 1º Visconde de Balsemão, seu antecessor no governo da capitania de Mato Grosso. A presença da livraria dos Viscondes de Balsemão na BPMP remete-nos para a Guerra Civil de 1832-1833, quando a mesma foi integrada nesta instituição.

II. CRÍTICA DE FONTES

Este artigo pretende expor os resultados que se conseguem atingir quando se submete um documento cartográfico a um processo de crítica de fontes.

Tendo escolhido como objecto de estudo o *Mappa do leito dos rios Taquary, Cuxiim, Camapoam, Varador de Camapoam, Pardo, Paraná, Tieté e cam.º de terra desde a Freguesia de N. S. May dos Homens de Araraytaguaba athe a Cidade de S. Paulo*, iniciamos este projecto por tentar localizar todos os documentos com uma relação directa.

Além de uma variante do mapa¹, existente no Arquivo da Casa da Ínsua, encontramos um Diário de Viagem, do mesmo autor, elaborado no mesmo período, por ordem da mesma entidade.

Embora centrando o nosso estudo no documento cartográfico, que possui total autonomia e uma razão de ser própria, a análise do diário tornou-se imprescindível por constituir o seu principal instrumento complementar.

¹ A referida variante encontra-se no Arquivo da Casa da Ínsua, sob a cota: R91, rolo nº5 (P. Barbosa).

Porém, ao contrário do que habitual, neste trabalho o *Mapa* foi sempre considerado fonte “principal” e o *Diário de Viagem* a fonte “secundária”.

Em relação à variante do mapa, a sua utilização foi mais pontual, funcionando essencialmente como elemento comparativo.

Considerando que exercer a crítica sobre uma qualquer fonte é aferir até à exaustão todas as suas características, potencialidades e limitações, então, estes dois documentos serão sujeitos a um processo de “inquirição” externa e interna.

Se para a crítica externa observarmos, fundamentalmente, a matéria subjectiva (material de suporte), a matéria aparente (tintas usadas) e a grafia, no caso da crítica interna serão avaliados os contextos de produção e analisado exaustivamente o conteúdo.

Feita a crítica cerrada a estes documentos, ficamos em condições de aferir que aplicação poderá ter a informação neles contida. Assim, na parte final deste artigo tentaremos mostrar as múltiplas oportunidades de investigação que se podem desenvolver partindo destes dois espécimes documentais.

2.1 Crítica Externa

No caso concreto, como estamos perante documentos do final do séc. XVIII, a crítica externa centra-se, principalmente, na avaliação da matéria subjectiva (material de suporte), da matéria aparente (tintas usadas) e da grafia.

No que respeita à matéria subjectiva, quer o Mapa quer o Diário de Viagem foram elaborados em papel de grande qualidade, provido de fabricantes estrangeiros, do séc. XVIII. Esta afirmação apoia-se na observação das marcas de água. No caso do Mapa, trata-se de “D&C BLAUW IV”, fabricante em actividade no último quartel do século XVIII (1775-1799). No que respeita ao Diário a “HC Wend & Zoonen “ remonta ao período de produção entre 1780 e 1799².

Quanto à matéria aparente, o mapa encontra-se escrito, maioritariamente, a preto e suavemente aguarelado a verde. Contém, ainda, alguns traçados a lápis e notas escritas a tinta castanha, de composição mais ferrogálica, correspondentes a momentos de concepção inicial (lápis) e de correcções posteriores, ambos próprios de um documento de trabalho.

Trata-se, de facto, de um documento preparatório onde é visível a rede ortogonal, que serviu de base à sua elaboração, vários traços a lápis e anotações a tinta castanha. Já a variante, exemplar da colecção da Casa da Ínsua, é claramente um documento “passado a limpo”, onde a rede de coordenadas geográficas está devidamente traçada com a indicação do Trópico de Capricórnio, o relevo cuidadosamente representado através de normais, as cachoeiras assinaladas a vermelho, entre outros pormenores³.

Em relação ao Diário de Viagem, este foi escrito a tinta castanha, de composição ferrogálica.

Embora o uso de tinta ferrogálica não seja exclusiva do século XVIII, a sua utilização é frequente, principalmente, em borrões e outros documentos preparatórios, dado o seu reduzido custo.

² (HEAWOOD, 1950).

³ Ver: Mapa do Arquivo da Casa da Ínsua – cota: R91

A grafia dos dois documentos remete-nos, uma vez mais, para o séc. XVIII, quando se verifica “um relativo retorno à sobriedade gráfica exigida pela introdução da letra inglesa, acentuando a obliquidade da escrita (...). Nos casos em que a letra [q] é separada do sinal abreviativo essa sobriedade é bastante mais conseguida, continuando o aparecimento (...) do ponto a seguir à letra”⁴.

De facto, o *que* abreviado que aparece no Diário e no Mapa identifica-se com o apresentado neste artigo, confirmando, uma vez mais, a datação setecentista do documento.

Usando ainda a grafia como instrumento de análise, comparando a morfologia da letra do Mapa e do Diário, verificamos que as duas são muito idênticas, apontando para que ambos os documentos tenham sido elaborados pelo mesmo autor.

Se a avaliação externa nos ajudou a determinar a origem temporal da fonte e um responsável comum (do Mapa e Diário), a crítica interna, de conteúdo, permitirá reconstituir o(s) seu(s) contexto(s) de produção e aferir toda a informação nela existente.

2.2 Crítica Interna

2.2.1 Contexto Histórico de produção

A primeira tarefa levada a cabo nesta fase do trabalho, foi a de reunir um conjunto de bibliografia que permitisse perceber o contexto de produção do documento. A selecção recaiu sobre algumas obras de história do Brasil, os Tratados de Limites então assinados, publicações sobre cartografia, nomeadamente a setecentista brasileira, catálogos de exposições, vários mapas contemporâneos e/ ou do mesmo autor, cartografia actual do Brasil, entre outros.

Reconstituir o contexto de produção de um documento é determinar os factores que o fizeram “nascer”, enumerar os objectivos com que foi planeado e, da comparação entre o se “projectou” e aquilo que entretanto se “construiu” conseguimos avaliar melhor a informação que ele possui.

O *Mappa do leito dos rios Taquary, Cuxiim, Camapoam, Varador de Camapoam, Pardo, Paraná, Tieté e cam.º*(...), tal como Diário de Viagem de que é documento complementar, assinado pelo “D.^r Astronomo” Francisco José de Lacerda e Almeida, insere-se no contexto final das Comissões de Demarcação de Limites da América do Sul, na sequência do definido no Tratado Preliminar de Limites de S.^{to} Ildefonso de 1777.

Nos artigos XV e XVI do referido Tratado, refere-se a necessidade de nomear comissários “por Suas Majestades Fidelíssima e Católica” para “que se determinem também com maior exactidão os limites insinuados nos artigos deste tratado, e se especifiquem, sem que tenha lugar a mais leve dúvida no futuro, todos os pontos por onde deve passar a linha divisória (...)”.

Para cumprimento destas exigências, nomearam-se quatro comissões mistas demarcadoras, que embora estivessem obrigadas ao texto do Tratado, dispunham de alguma capacidade de decisão no terreno. Definiram-se, igualmente, as zonas de actuação de cada comissão e os respectivos responsáveis, bem como, se

⁴ (BORGES, 1998, p. 215)

nomearam os seus técnicos. Para cada uma contar-se-ia com dois comissários, dois engenheiros, dois astrónomos e dois práticos do país.

O Mapa que estamos a estudar, foi produzido na sequência do trabalho desenvolvido pela Terceira Comissão. Esta Terceira Comissão de Limites às ordens do Governador de Mato Grosso, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, foi organizada pelo o comissário-geral General Pereira Caldas, para actuar no Mato Grosso. Era composta pelos engenheiros Joaquim José Ferreira e Ricardo Franco de Almeida Serra e pelos astrónomos Dr.º Francisco José de Lacerda e Almeida e António Pires da Silva Pontes Leme.

Segundo o texto vinculativo do Tratado de Limites de 1777, esta comissão deveria reunir-se em Vila Bela e aí aguardar pela chegada dos técnicos espanhóis. Contudo, a “situação política e militar naquela zona não propiciava o encontro de técnicos da Comissão mista. Cada equipa trabalhou isoladamente, sem conseguir o reconhecimento e homologação da sua obra unilateral”⁵.

Apesar da ausência dos técnicos espanhóis, sendo esta uma área de fronteira complicada, era necessário prosseguir com um levantamento exaustivo e cuidado, que permitisse a construção de mapas rigorosos, não só para a definição dos limites, como exigia o Tratado de 1777, mas para auxiliar a geo-estratégia encetada pelo Governador de Mato Grosso (1772-89) de implantação de novas povoações, para Oeste do rio Paraguai, como forma de pressão para que a linha de fronteira se deslocasse o mais possível para Ocidente.

Neste sentido, facilmente se entende a atenção despendida por este governador em possuir o maior e mais correcto conhecimento do espaço que governava, continuando o trabalho dos seus antecessores, nomeadamente, de Luís Pinto de Sousa Coutinho, futuro Visconde de Balsemão, que governou a capitania entre 1769 e 1772⁶.

Nota do sentido de responsabilidade de Luís de Albuquerque e dos seus antecessores são os mais de 30 mapas da sua colecção particular, existentes no arquivo da Casa da Ínsua, sobre Mato Grosso, com datas anteriores à sua chegada em 1772⁷.

Outra prova da atenção dispensada por Luís de Albuquerque, no que concerne ao conhecimento do território, é o minucioso diário que redigiu durante a sua viagem de ida para Vila Bela, o qual completou com mapas, desenho de vistas, animais e plantas. Com base nestes documentos, Luís de Albuquerque em 1773, escreve ao governador de Goiás dizendo:

“(…) fiz uma reflectida e desinteressada combinação não só de todas as notícias oculares que adquiri na minha viagem, mas de todas as que me forneceram as melhores informações e as cartas do paiz mais aproximadas do verdadeiro, que com bastante cuidado solicitei haver a mim da mayor parte dos governos do Brasil (...)incluso [estou a preparar] um pequeno mapa que representa o sobredito estado actual da divisão”, estando pronto “a mandar formar duas cartas perfeitamente semelhantes, para que cada huma dellas seja remetida por nós acompanhada das respectivas representações à decisão da Côrte.”⁸

⁵ (GUERREIRO, 1997, p.49)

⁶ A localização física do Mapa e Diário de Viagem, escolhidos como fontes neste trabalho, nos fundos da BPMP, poderá justificar-se, pela ligação entre Luís de Albuquerque e o 1º Visconde de Balsemão. Dado que este último, mesmo depois de deixar o governo do Mato Grosso, em Londres e Lisboa, continuou trabalhar sobre o território brasileiro, recebendo, certamente, material do seu sucessor no Brasil, entre os quais teriam seguido os documentos por nós seleccionados.

⁷ (GARCIA (coord.), 2002, p.27)

⁸ (CORRÊA FILHO, 1925 - 1926, vol. II, p. 39-40)

Se a Terceira Comissão era constituída por bons técnicos, alguns dos quais formados em Coimbra, Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres foi um dos grandes impulsionadores de todo o trabalho. Mesmo antes da chegada dos referidos técnicos, no início da década de 80 de setecentos (1780-82), produziu uma memória, denominada “Ideia Geral...”, e um “Mapa Geográfico” por ele levantado, onde apresentou a sua proposta de fronteira⁹.

Nesta proposta, é patente a protecção da área entre os rios Aguapei e Alegre, que protagonizavam a possibilidade de união das bacias do Amazonas com a do Paraguai (e desta, com a do Prata). Daí a forte proximidade estabelecida com o grupo de técnicos da Quarta Comissão de Demarcação, que actuava a Norte, no Alto Amazonas português e no rio Negro.¹⁰

Contudo, como o interflúvio entre o Alegre e o Aguapei ficava em território da responsabilidade da Terceira Comissão de Demarcações, as suas características serão descritas e cartografadas num mapa topográfico, elaborado por Ricardo Franco e Silva Pontes, enviado para Lisboa em Março de 1785. Sobre este assunto Luís de Albuquerque comenta com Martinho de Melo e Castro que o dito *istmo* “(...) unicamente de 2 400 braças, que estabelecem os dous rios Alegre e Aguapehi, muito perto das suas primitivas ainda que limitadas vertentes, bem no cume da serra”.¹¹

Associada à prosperidade vivida em Vila Bela, aquando da estada dos membros da Terceira Partida de Demarcação, Luís de Albuquerque vê reunidas as condições para constituir um verdadeiro gabinete de cartografia na capital do Mato Grosso. Neste, a especialização de tarefas era uma realidade, uma vez que o desenho geral é elaborado pelo engenheiro e a decoração do mapa (pormenores icnográficos) levada a cabo por um hábil desenhador¹².

Neste local, Luís de Albuquerque, não só produz cartografia temática, a diferentes escalas, como fomenta formação de mais técnicos nesta área, leccionada pelos engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, tendo em vista um melhor conhecimento e controlo do espaço.

Podemos então perceber que, desde a chegada da Terceira Comissão de Demarcação de Limites a Vila Bela, a 28.02.1782, o trabalho, que já antes era muito intenso, não parou por um momento. O próprio Luís de Albuquerque, em carta dirigida a Martinho de Melo e Castro, refere que “não podia desaproveitar o prestimo dos mencionados officiaes pois que não vieram para o descanso”¹³, participando ele próprio em algumas viagens de exploração.

⁹ (ARAÚJO, 2000. 2 vol)

¹⁰Afirmação baseada na percentagem de mapas existentes no Arquivo da Casa da Ínsua referentes a esta área – (GARCIA (coord.), 2002, p.34)

¹¹ Carta de Luís de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro (citada por VEIGA, 1998, p. 107). Segundo J. Cortesão, o exemplar do mapa existente na colecção da Casa da Ínsua (nº 85) é o original, conhecendo-se 4 cópias nos arquivos brasileiros (II, 1971, p. 362). Ver: Mapa do Arquivo da Casa da Ínsua – cota: 23A. Sobre a mesma temática, ver também Mapa do Arquivo da Casa da Ínsua - cota: 18A

¹² (GARCIA (coord.), 2002, p.27)

¹³ Carta de Luís de Albuquerque a Martinho de Melo e Castro (citada por VEIGA, 1998, p. 107). Segundo J. Cortesão, o exemplar do mapa existente na colecção da Casa da Ínsua (nº 85) é o original, conhecendo-se 4 cópias nos arquivos brasileiros (II, 1971, p. 362). Ver: Mapa do Arquivo da Casa da Ínsua – cota: 23A. Sobre a mesma temática, ver também Mapa do Arquivo da Casa da Ínsua - cota: 18ª

Assim, entre viagens de exploração, de reconhecimento e partidas com vista à fundação de novos núcleos de povoamento, o espaço desta tão grande capitania foi ficando devidamente cartografado, tal como se pedia no Tratado.

2.2.2 Contexto específico de produção

Vistos os antecedentes, o contexto histórico de produção, passaremos a uma análise mais próxima das condições em que se elaborou o Mapa e o Diário de Viagem.

Em termos particulares, quer o Mapa, quer o Diário são o **produto** de uma **viagem de levantamento**, com vista à **reconstituição das ligações fluviais entre Mato Grosso e S. Paulo**, que serviam habitualmente de “estrada das monções”¹⁴.

Era uma viagem longa e perigosa, não só pela difícil navegação, relacionada com questões naturais (como veremos adiante), mas também, devido aos muitos “estragos” causados pelos índios. De tal forma, que na *Notícia 8ª Prática* se fazia a seguinte advertência: “saíndo do Paraguai (na realidade, os principais ataques ocorreram no rio Taquari, próximo à confluência com o rio Paraguai, e também no próprio rio Paraguai, junto à entrada nele do rio São Lourenço) cuidado e mais cuidado no *Gentio* Paiaguá que é muito destro e bom pirata: acomete sem receio, esconde-se nos sangradouros, baías e voltas do rio e tanto que se avista qualquer tropa, a investe de repente, mata a gente, leva as canoas e não há monção em que não tenha feito alguma guerra”¹⁵.

A agressividade demonstrada pelos índios estaria, provavelmente, relacionada com o passado muito recente das bandeiras, realizadas neste território até ao aparecimento da primeira jazida de ouro, quando a caça do *gentio* era o objectivo da viagem.

A viagem¹⁶

A viagem tem início em Vila Bela, a 13 de Setembro de 1788, e o primeiro destino é a vila do Cuiabá, “**onde me [Lacerda e Almeida] demorei em me apromtar athe o dia 14 de 8brº**”.

O caminho entre Vila Bela e Cuiabá não é descrito nem Mapa, nem no Diário, nem tão pouco será referenciada a navegação nos rios Cuiabá, São Lourenço (Porrudos) e Paraguai: “**Por q^{to} já tratei no anno de 1786 da derrota q. se segue de V.^a Bella p.^a a do Cuyabá, e as circunstancias attendiveis na nevegação dos rios Cuyabá, Porrudos, e Paraguay (...)**”(13.09.788)

Assim, a descrição no Diário começa na partida da vila do Cuiabá, a 15.10.1788 às “**7^h da manhã (...)** **trazendo hũa canoa gr.^{de} e hum batelão p.^a haver cómodo p.^a 26 pessoas, q. tantas erão precisas p.^a a varação nas caxoeiras (...)**”(15.10.788).

¹⁴Movimento idêntico ao das Bandeiras, que inicia nos anos 20 de setecentos, com o declínio destas e a descoberta de jazidas de metais preciosos. De facto, estes exploradores procuravam, não a captura de índios, mas, o ouro e a prata. O seu nome fica a dever-se ao paralelismo estabelecido entre a viagens para o oriente e estas realizadas no interior do sertão matogrossense. Dois factores concorrem para a comparação: a duração idêntica (5/7 meses) e a sujeição a uma periodicidade determinada por factores naturais.

¹⁵Visconde de Tatumay, 1928, vol 3, p.197, segundo indicação em GUEDES, 1997, p.20.

¹⁶Nota: as passagens retiradas do Diário de Viagem foram indicadas a bold, sendo facilmente localizadas através das datas apostas entre parênteses.

Quanto ao Mapa, a viagem só começa a ser cartografada a partir do dia 28.10., na subida do rio Paraguai junto à foz do Taquari, um pantanal, onde a navegação ficou tão dificultada que só a presença de **“hum Pratico tido por bom”** permitiu encontrar **“o verdr.º cam.º”** (29.10.788)

A subida do Taquari é relativamente difícil, dadas as constantes alterações de largura e profundidade das águas, nomeadamente, nos percursos pelo pantanal matogrossense: **“Com dez ou doze brassas de andam.º perdeo o rio a sua forma de incanado e entrei por hum pantanal, pelo qual estava espriado o rio com m.ºtas entradas (...) este espriado rio fas diminuir tanto a sua profundidade, q. m.ºtas veses foi preciso varar a canoa (...)”**(29.10.788) e passados 4 dias **“Principiei a marcha por hum pantanal (?) não tão espriado, e sujeito a perdas como o primr.º comtudo tão baixo q. hua especie de ribanseiras q. tinha, com q.ºq.º repiquete se inundaria (...)”**. (03.11.788)

É também neste rio que se faz referencia à presença do *“Gentio Cavaleiro”* numa **“praia contigua ao principio da cordilheira (...)”** onde se estavam **“(…) restos frescos e estacas em q. tinhaõ presos os cavalos(…)”** (10.11.788).

É nesta parte final do percurso pelo Taquari, quando o seu leito corre entre vales da serra do Caiapó, que se atravessa a cachoeira, **“(…) chamada da Barra(…)”**, no fim da qual está a **“(…) foz do rio Cuxiim(…)”**. (10 e 11.11.788).

Entrados no rio Coxim, a navegabilidade começa piorar, resultado das muitas cachoeiras que vão aparecer, mais de duas dezenas num percurso de quase 190 km, percorrido em 8 dias: **“A navegação deste dia foi summam.º trabalhoza, pois alem de passar em 5 ½ legoas sete caxoeiras(…)”** (13.11.788).

Do Coxim navegaram pelo estreito rio Camapoam, até ao varadouro com o mesmo nome: **“(…) cheguei ao estreitíssimo rio Camapuam, q. dezagoa no Cuxiim pela margem Oriental. A largura deste rio, ou p.º dizer melhor, ribeiraõ, he de 4 ½ brassas na sua foz, mas logo assima fica m.º mais estreito(…)”** (19.11.788).

Até aqui a viagem decorreu pela bacia do Paraguai. Agora, para atingir o rio Pardo, da bacia do Paraná, era necessário vara a canoa e o batelão por um caminho de cerca de 14 km e, obviamente, transportar toda a carga o que, mesmo para uma comitiva de 26 elementos, não seria tarefa fácil.

Entrados no rio Pardo, as dificuldades de navegação continuam a ser muitas. Durante a descida deste rio, que durou uma semana, foram atravessadas mais de vinte cachoeiras e uma dúzia de sirgas, até que no dia 02.12.788 foram **“(…) jantar á foz do rio Pardo no rio Grande, ou Paraná.”**

O Rio Paraná, que corre de NE para SW, foi a “estrada” que uniu o Pardo ao Tieté. No troço percorrido do Paraná não se registaram dificuldades de maior, a não ser **“Hua grd.º trovoada me fez parar sedo, pois com ventos não se pode navegar por este rio, e não obst.º estarmos algum tanto abrigados, sempre foi preciso descarregarse a canoa(…)”**. (03.12.788).

A subida pelo Tieté até freguesia de “Araraytaguaba” (depois conhecido por Porto Feliz) durou cerca de 3 semanas, durante as quais foi preciso vara as canoas várias vezes por causa das inúmeras cachoeiras, num total de 47. Contudo, nem todas tinham a mesma dificuldade: **“Tres caxoeiras chamadas dos Tres irmaons se passaraõ bem facil.º, mas o Itupirû levou toda tarde, e tem ½ legoa de extençaõ (...)”** (08.12.788). A diferença de dimensões entre cachoeiras é bem notória no Mapa.

Da freguesia de Araraytaguaba onde “**Sete dias me demorei (...)**” (31.12.788) o caminho, de cerca de 120 km, até São Paulo foi por terra.

Descrita a viagem de levantamento, centremos a nossa atenção nos seus “produtos”: Mapa e Diário de Viagem. Como já vimos, ambas as fontes foram levantadas e elaboradas por Francisco José Lacerda e Almeida, um brasileiro formado em matemática pela Universidade de Coimbra, astrónomo da Terceira Comissão de Demarcação de Limites.

Aparentemente, a nossa fonte cartográfica parece inventariar apenas um rio, onde sectores mais rectilíneos alternam com troços fortemente meandrizados. Porém, são duas as grandes bacias representadas, a do Paraguai e a do Paraná, e vários os rios utilizados para navegar em cada uma delas.

De facto, o *Mapa* ganha um novo brilho quando acompanhado pela leitura atenta do relato de viagem, da mesma forma que o *Diário* se completa quando cruzado com o mapa, que o contextualiza espacialmente.

2.2.3 Análise de conteúdo

Para avaliarmos quantitativamente e qualitativamente a informação existente no mapa e, por comparação, no Diário, recolhemos e tratamos, estatisticamente, vários dados existentes nas duas fontes.

A nossa primeira preocupação, foi aferir se o mapa cumpria a mais elementar regra em cartografia, ou seja, se os vários fenómenos estavam correctamente localizados.

Para tal, depois de determinada a escala do mapa, calcularam-se, a partir do mesmo, as distâncias percorridas entre jornadas, para 35 casos. Os dados obtidos foram cruzados com as indicações constantes no Diário. Feita a média das diferenças obtidas, entre o que se referia do Diário e o que estava cartografado no Mapa, concluímos que este é um documento cartográfico bastante rigoroso, pois a média das diferenças foi inferior a 1 légua [de 20 ao grau], isto é, o erro em distância real é inferior a 555 555 cm.

Se atentarmos às situações de maior diferença, entre o que se regista no Diário e o que foi cartografado e as cruzarmos com o relato da viagem, conseguimos identificar que todas correspondem a jornadas de navegação complicadas, onde o rio registou grandes variações de profundidade e largura (5, 8 e 19 de Nov.), onde houve necessidade de varar as canoas (18 de Nov.) ou de transpor sucessivas cachoeiras (26 de Nov.). O facto da navegabilidade difícil ter deturpado a medição da distância percorrida, sempre superior no Diário, não pode ser razão única, porque há registo de outros dias, em que a viagem foi igualmente “penosa” e onde não existe uma diferença tão notória. Poderá, então, o erro corresponder a um lapso do “Dr. Astronomo” na elaboração do Mapa.

Depois desta primeira tarefa, reunimos no Quadro 1, por dias de viagem, os fenómenos físicos e humanos descritos no Diário e localizados no Mapa, indicando aqueles que apenas se referiam no Diário, os que apareciam exclusivamente no Mapa e todos os outros constantes nas duas fontes.

Contabilizando, das 188 referências recolhidas 14 só apareciam no Mapa, 90 eram exclusivas do Diário e as restantes 84 apareciam em ambas as fontes (ver Quadro 2).

Quadro 1 – Quadro Resumo dos Fenómenos descritos no Diário e Representados no Mapa

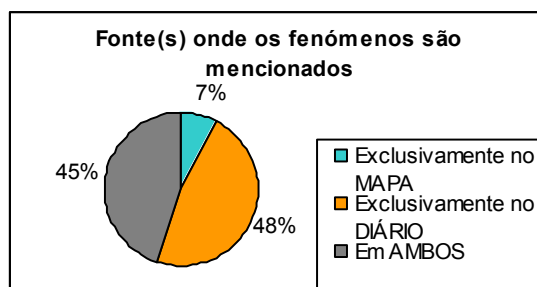
FENÔMENOS FÍSICOS	especificação	Setembro			Outubro			Novembro			Dezembro			Janeiro			
		no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	
Cursos de água	forma						29 (entrada num pantanal); 30 (saída do pantanal)		3 (entrada num pantanal)		24 a 28 (muitos meandros)						
	largura						30 (notório no mapa)		8; 12;	11 (notório no mapa); 16 (notório no mapa); 19 (muito notório no mapa); 26; 28 (muito notório no mapa)	5	1; 2 (muito notório no mapa); 6 (notório no mapa); 20; 25 (notório no mapa)					
	navegabilidade (Indicação de profundidade absolutas e/ou relativas, etc.)					28; 29; 30			1; 4; 5; 6; 7; 13; 14; 15; 16; 17; 20; 26		3; 7; 11; 14; 16; 25						
	antigos canais (não navegáveis)						31				3						
	características das águas, vertentes e fundos fluviais						31				3						
Ilhas e bancos de areia	referências									4; 7; 8;	5 ("Ilha Comprida"); 27	27					
Cachoeiras	referências				29 (Caxoeirinha);					10-15; 17; 18; 25-28; 29		7; 8; 11-15; 17; 19; 20; 22-24; 28-31					
Relevo	referências						11-12; 14-15; 17			9; 10; 13; 16;		24 (Montes Araquara - único identificado)					
Indicações de localização relativa	referências					31				3; 9; 11; 12; 19; 21; 30		1; 3; 5; 6; 10; 24 (em relação ao relevo); 28					
Indicações de localização absoluta: observações astronômicas e/ou tentativas de observação	referências									2; 10; 16; 19; 22; 24; 27;		04; 11; 18; 19-30				1- 7	
Indicações de estados de tempo (estados meteorológicos)	referências								15; 16; 22-24; 27		3; 4; 9; 10; 12; 16; 18						
Indicações de tempo	horas do dia					15; 22; 24; 28			2; 25; 26		02; 06; 15						
	tempo gasto em manobras (fenómeno humano)								5; 11; 12; 28		7; 8; 24; 25						

FENÓMENOS HUMANOS	especificação	Setembro			Outubro			Novembro			Dezembro			Janeiro		
		no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos	no Mapa	no Diário	em ambos
indicações sobre a comitiva de viagem	referências					15, 29			3				15			
contactos e sinais da presença de humanos durante a viagem	referências					22 (Índio)				10 ("gentio cavaleiro")			08 (comerciantes)			
núcleos de povoamento	referências		13 ("V.ª Bella"; "Cuyabá"); 29 ("V.ª Cuyabá")					6 (Cocal?)		3 ("Pouzo alegre");			24 ("Cid.e"); 30, 31	30, 31		7 ("V.a de Itu"); 8 ("Parnaíba"); pós 8 ("Finheiros" e "Cid.e de S. Paulo")
rede viária (caminhos)	referências									25						pós 31 Dez

Quadro 2 - Somatório das referências fenómenos descritos no diário de viagem e representadas no mapa

FENÓMENOS	Especificações	Só no mapa	Só no diário	Em Ambos	TOTAL
Cursos de água	forma	2	1	2	5
	largura		3	11	14
	navegabilidade		21		21
	antigos canais (não navegáveis)			2	2
	características das águas, vertentes e fundos fluviais			6	6
Ilhas e bancos de areia		1	4		5
Cachoeiras		1		30	31
Relevo		5		5	10
Indicações de localização relativa			15		15
Indicações de localização absoluta				30	30
Indicações de estados de tempo (estados meteorológicos)			13		13
Indicações de tempo	horas do dia		10		10
	tempo gasto em manobras		8		8
indicações sobre a comitiva de viagem			4		4
presença de humanos durante a viagem			2	1	3
núcleos de povoamento		5	3	3	11
rede viária (caminhos)		1		1	2
	TOTAL	14	90	84	188

Gráfico 1 – Identificação de fenômenos, por fonte documental



A clara vantagem do Diário sugere-nos a riqueza desta fonte. Contudo, se identificarmos os fenômenos físicos e humanos mais referenciados, verificamos que são as Cachoeiras e as menções à localização absoluta (latitude e/ou longitude) que têm mais ocorrências (31) no que toca a fenômenos físicos e os Núcleos de povoamento no que respeita aos humanos (11), ambos presentes mais vezes no mapa.

No caso das Cachoeiras, o Mapa possui informações sobre a sua identificação, localização e dimensão relativa, além de que há uma a mais; na localização absoluta, as potencialidades de a determinar no Mapa são quase infinitas, enquanto que no Diário são sempre pontuais; das 11 menções a Núcleos de povoamento, 5 aparecem exclusivamente no Mapa.

Ainda que com menos expressão, o relevo está devidamente figurado, no mapa, através de normais, enquanto no Diário apenas se faz menção dele, pontualmente, 5 vezes. A sua representação é importante porque enquadra outros aspectos físicos que influenciam a navegabilidade dos cursos de água: as cachoeiras e as variações de largura e profundidade.

Acima de tudo, o Mapa possui algo que dificilmente o Diário consegue transmitir, a concepção geral do espaço que, por sua vez, permite não só a apropriação mais consciente desse mesmo espaço, como também, consegue representar contextualizadamente os fenômenos relatados no Diário.

Gráfico 2 – Tipologia dos fenômenos relatados e cartografados

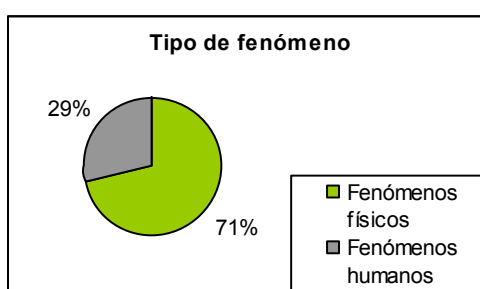
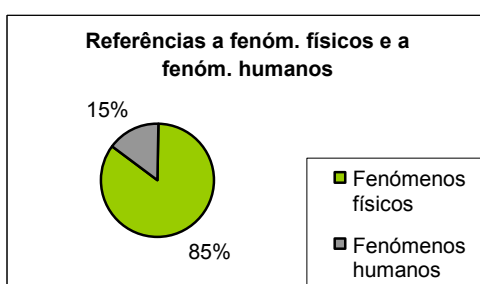


Gráfico 3 – Percentagem de referências a fenômenos relatados e cartografados, por tipo



Da análise dos dados, aferimos que o peso dado aos fenómenos físicos (71%) é bastante superior do dado aos fenómenos humanos (29%), não só no que respeita ao número de fenómenos, mas principalmente, o número de dias em que estes são mencionados.

Em relação aos fenómenos físicos, recolhemos as referências aos cursos de água (no que toca à sua forma, largura, características das águas e fundos fluviais, navegabilidade e indicações antigos canais), às ilhas e bancos de areia, ao relevo, à localização relativa, à localização absoluta (observações astronómicas e/ou tentativas de observação), aos estados de tempo (estados meteorológicos) e às horas do dia. No caso dos fenómenos humanos, identificamos as referências à comitiva que seguiu viagem, aos contactos e sinais de presença de humanos durante a viagem, aos núcleos de povoamento encontrados e à rede viária (caminhos).

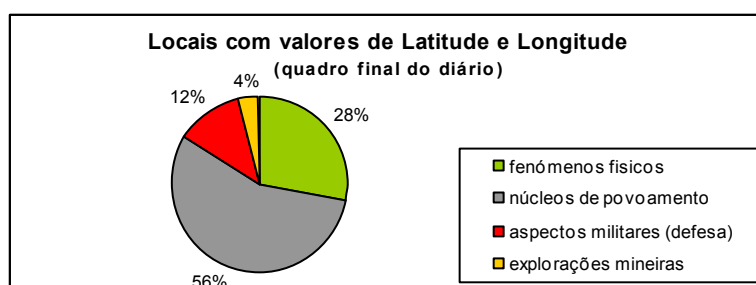
Observando os dados constantes no Quadro 2, concluímos que as cachoeiras e as indicações de localização absoluta (observações astronómicas e/ou tentativas de observação) são os fenómenos físicos referenciados mais vezes. Este facto explica-se com o próprio objectivo da viagem – uma viagem de levantamento exige obrigatoriamente que sejam feitas muitas observações astronómicas, por forma a que se determinem as latitudes e longitudes dos lugares que, por sua vez, são elementos indispensáveis à elaboração dos mapas.

Contudo, “o tempo turbado não permitio q. fizesse observação alguma” (22.11.788) ou “p.^a observar o eclipse do Sol, q. não teve efeito pelo tempo estar nublado (...)” (27.11.788).

Mas nem sempre o tempo impossibilitou as observações, no dia 24.11.788 Lacerda e Almeida escreve no seu Diário: “Neste dia, posto q. não m.^{to} claro, tomei alguas dist.^{as} da Lua ao Sol, e determinei a pozição da foz d.^o de Camapoam. Long.^e=323° 38' 45". Lat. A = 19° 35' 14" ”

No Diário, além dos 30 dias em que se manifesta a preocupação pela determinação da localização absoluta, aparece um quadro onde se reúne informação sobre a latitude e longitude de 25 lugares. A partir desse quadro percebemos que os núcleos de povoamento eram os lugares que melhor deviam ser localizados (56%), seguindo-lhes os fenómenos físicos com 28%.

Gráfico 4 – Locais com valores de Latitude e Longitude



Esta situação é normal, já que o reconhecimento de um território passa, obviamente, pelo conhecimento dos seus núcleos de povoamento. Neste caso concreto, esta informação era muito importante não só para perceber se a densidade de povoamento era suficiente à preservação do espaço “conquistado”, mas também, porque este era o principal percurso de comunicação entre o interior e o litoral que, para os exploradores matogrossenses, correspondia à sobrevivência.

Nota desses abastecimentos são: no rio Coxim: “(...) **gastaõ os commerseantes sobindo 15 e 20 dias (...)**” (28.11.788); no rio Tieté: “(...) **Aqui estavaõ huns comersiantes, q. hiaõ p.^a o Cuyabá enxugando os fardos, q. se tinhaõ molhado em tres canoas, q. tinhaõ hido ao fundo.**” (08.12.788) e “(...) **as canoas q. vem carregadas [de mantimentos] p.^a o Cuyaba gastem tanto tempo em descer, q.^{to} as vazias em o subir (...)**” (25.12.788).

Da mesma forma, interessava localizar os principais acidentes físicos, para mais facilmente serem ultrapassados.

Se no Diário as indicações à localização absoluta, mais ou menos frequentes, são sempre pontuais, no Mapa a rede coordenadas geográficas permite delimitar o espaço cartografado entre os ca. de 18°S e os ca. de 24°S de Latitude e os ca. de 320° e os ca. de 331° de Longitude. Assim, é possível determinar para qualquer ponto as suas coordenadas geográficas, sabendo sempre que **"N.B. As longitudes são contadas suppondo a Ilha do Ferro 20° p.^a o Occid.e de Paris"**. Junto desta nota encontra-se "N.B. 2ª Os lugares onde se fizerão observaçoens levão este signal [símbolo]", mas apesar da advertência, infelizmente, nenhum símbolo foi marcado no Mapa.

Olhando novamente para o Quadro 2, percebemos que a navegabilidade dos cursos de água é um aspecto importante, referindo-se normalmente a profundidade das águas. Estas indicações encontram-se registadas apenas no Diário. Contudo, no Mapa é possível visualizar-se as ilhas e os bancos de areia. Presente no mapa da colecção particular de Luís de Albuquerque, no Arquivo da Casa da Ínsua, está uma informação adicional sobre o sentido da corrente das águas, são as setas que o indicam.

No que respeita à largura dos rios, a informação é mencionada no Diário e representada, em termos relativos, no Mapa, isto é, nos casos em que há variações significativas na largura do curso de água, o Mapa representa-as acompanhando esse alargar ou estreitar, são exemplos: “(...) **estreitíssimo rio Camapuam (...)**” (19.11.789); “(...) **sendo no principio taõ estreito (...)**” (28.11.789); “(...) **largura avalia ser de 300 brassas (...)**” (02.12.789). A mesma técnica é utilizada para cartografar as cachoeiras (7, 8 e 9 Dez.).

Outro dos elementos que recolhemos foi a descrição das características geológicas das vertentes e dos fundos fluviais: “(...) **qualid.^e do terreno baixo, e arenozo (...)**” (31.10.788); “(...) **A pouca consist.^a de sem.^e terreno (...)**” (04.11.788); “(...) **leito do rio foi hum continuado plano inclinado com fundo de pedra (...)**” (13.11.788). Em relação às características da águas sabemos que “(...) **as agoas claras e saborozas deste funebre e melancolico rio (...)**” (18.11.788) pertencem ao Coxim, as do rio Vermelho são “(...) **tão vermelhas, q. perturbaõ todo o rio Pardo (...)**” (25.11.788) e as do rio Paraná “(...) **saõ barrentas, e pestilentas (...)**” (02.12.788)

No que respeita aos fenómenos humanos, os núcleos de povoamento são o aspecto mais referenciado (11 dias). Sendo curioso verificar que a maior parte desta informação está indicada exclusivamente no Mapa, no trajecto final da viagem, por terra, entre a freguesia de “Araraytaguaba” e São Paulo.

Interessante é também contabilizar as vezes que a comitiva de Lacerda e Almeida tem possibilidade de se cruzar com outros seres humanos ou de perceber a sua presença recente. A primeira regista-se, apenas no

Diário, “(...) **no rio Porrudos (...) avistado hua pequena canoa de gentio q. logo fugio (...)**”(22.10.788), a segunda, dá-nos conta da presença do *Gentio Cavaleiro* pelos “(...) restos frescos e estacas em q. tinhaõ presos os cavalos (...)”, na pequena praia onde ele “(...) **costuma atravessar o rio (...)**” (10.11.788), estando representado no mapa essa passagem.

Isto quer dizer que, depois de terem visto o índio no rio de São Lourenço (Porrudos), a comitiva esteve mais de um mês sem ver humanos, até se cruzarem com “(...) **huns comersiantes, q. hiaõ p.^a o Cuyabá (...)**” (08.12.788).

Outro dos dados que colectamos foi o número e a forma de varação das canoas.

Quadro 3 – Referências à varação das canoas

Modo varação	por um canal ou rio	11.Nov; 12.Nov; 16.Dez; 25.Dez
	por cima das areias	29.Out
	por terra	25.Nov; 28.Nov; 29.Nov
	por cima de penedos	12.Nov; 14.Nov
	por cima de árvores caídas	18.Nov
Condições de carga	com a canoa carregada	10.Nov; 11.Dez
	com a canoa vazia	10.Nov; 11.Nov; 12.Nov; 14.Nov; 26.Nov; 03.Dez; 11.Dez
	com meia carga	11.Nov; 19.Nov
Modo de transporte	transportadas por "carro proprio"	23.Nov
	transportadas por descarregador	12.Nov; 16.Dez

Cruzando esta informação com a referências dadas no Diário sobre o tempo gasto em manobras, podemos perceber que, com base na experiência da viagem, a varação mais demorada é a que “(...) **se vara por terra pela dist.^a de 21 brassas. Neste pequeno espasso, em q. gastei hum dia descendo, gastaõ os commerseantes sobindo 15 e 20 dias (...)**” (28.11.788), seguindo-se-lhe a varação por cima de penedos, com a canoa vazia “(...) **foi varada a canoa por sima de huns penedos p.^a salvar o salto, q. está no fim. Consumiraõse nesta manobra 6 ½ h (...)**” (12.11.788), aparecendo em terceiro lugar “(...) **a vararaõ por hum canal, q. tinha 2 palmos de agoa, nesta manobra se consumiraõ 4 horas (...)**”. (11.11.788). É claro que estas conclusões são interessantes, mas de modo nenhum conclusivas ou de aplicação geral.

Para terminar esta avaliação de conteúdo, um apontamento para aquilo que, estranhamente, não existe. De facto, ao contrário do que normalmente acontece, nos mapas e relatos de viagem do Brasil, como é o caso do diário de viagem de Luis de Albuquerque, verifica-se uma total ausência de referências a animais e/ou plantas. E, mesmo considerando que o objectivo da viagem não exigia esses comentários, o cuidado com que foram apontados outros, de carácter lateral, levaria a pensar que a fauna e a flora, tão ricas nesta região, seriam descritas. Justificações para este facto? Provavelmente a área de formação do seu autor, um matemático com cargo de astrónomo, e o facto de ser brasileiro, e por isso mesmo estar “imune” ao deslumbramento que causavam tão exóticas paisagens.

III. “ROTAS” DE INVESTIGAÇÃO

Feita a crítica cerrada da fonte, estamos em condições de aferir que aplicação poderá ter a informação nela contida.

Antes de mais, podemos concluir que, quer o Mapa, quer o Diário de Viagem são verdadeiros “contentores” de indicações geográficas, estudadas pela Geografia Física e pela Geografia Humana. Constituem, assim, um elaborado instrumento de materialização do espaço geográfico e das relações que aí se estabelecem.

Mapa e Diário de Viagem conduzem-nos a múltiplas possibilidades de estudos. Desde logo, descrevem uma área geográfica concreta ao mesmo tempo que indicam qual o conhecimento existente, à época, dessa mesma região. Trabalhando em conjunto com as duas fontes, seria também possível elaborar um mapa espaço-temporal que espelhasse a relação entre a distância percorrida e o tempo gasto, caracterizando a comunicabilidade existente entre Mato Grosso e São Paulo e as repercussões dessa realidade. Outra possível área de trabalho, partindo das indicações sobre a forma de varar os barcos e às condições de navegabilidade, seria um estudo sobre as técnicas de navegação fluvial. Informações sobre os estados de tempo, as características geológicas das vertentes e dos fundos fluviais e a qualidade das águas dos rios, dariam um interessante ponto de partida para estudos de reconstituição climática e/ou geomorfológica.

Outra aliciante tarefa, seria utilizar o Mapa e o Diário de Viagem para iniciar uma pesquisa sobre o *Gentio Cavaleiro* e/ou sobre o assustadiço índio que se cruzou com a comitiva de Lacerda e Almeida.

Partindo dos núcleos de povoamento, da rede viária e das marcas de presença de comerciantes poder-se-ia avançar para projectos de investigação sobre as movimentações comerciais nesta “estrada de monções”.

Por último, mas tendo consciência de muitas outras possibilidades, estes dois “produtos” de uma tão trabalhosa viagem, seriam um curioso ponto de partida para um estudo de personalidade, nomeadamente, a de Francisco José Lacerda e Almeida, pois, para além da sua competência profissional de que estes trabalhos poderão ser uma importante prova, estas fontes parecem indicar-nos algo sobre do seu carácter.

Seria ele um homem cuidadoso e amigo dos que “comandava”, da sua comitiva? Fica-nos a dúvida perante o seu próprio, mas único, desabafo:“(…) **por ser dist.^e [distante] o descarregador dei descanso a comitiva** (...)”(15.12.788).

IV. BIBLIOGRAFIA

ADONIAS, Isa - Mapa. Imagens da Formação Territorial Brasileira. Rio de Janeiro : Fundação Emilio Edebrecht, 1993.

ALMEIDA, Francisco José de Lacerda e - Diários de Viagem, nota-prefácio de Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro : Imprensa Nacional, 1944.

ALMEIDA, Luís Ferrand de – A diplomacia portuguesa e os limites meridionais do Brasil, I. Coimbra : s.n., 1957.

- ARAÚJO, Renata – *A fronteira a Ocidente: Mato Grosso*. In Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português, 1415-1822. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001. p. 887-903.
- ARAÚJO, Renata – *A urbanização do Mato Grosso no século XVIII. Discurso e método*. Lisboa : Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2000. 2 vol. Tese de Doutoramento.
- BARROS, J. C. Freitas - *Um Português no Brasil. Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General do Mato Grosso*. Lisboa : Papelaria Fernandes, 1948.
- BARROS, J. C. Freitas - *Um quadro e uma figura (o Mato Grosso e Luís de Albuquerque)*. Excerto de uma conferência que devia ser proferida em São Luís de Cáceres (Brasil) pelo autor. Lisboa : s.n., 1951.
- BASTO, A. de Magalhães – *D. António Rolim de Moura, Governador da Capitania de Mato-Grosso (Três Documentos)*. Coimbra : Coimbra Editora, 1954.
- BORGES, Leonor Calvão – *A abreviatura do que e a datação de documentos de arquivo*. In CONGRESSO DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 6º, Aveiro, 1998 – Bibliotecas e Arquivos na Sociedade de Informação. Estratégias para o século XXI. Aveiro : BAD, 1998. p. 207-221.
- BOSCHI, Caio César – *O Brasil nos arquivos e bibliotecas de Portugal*, sep. Revista de História, São Paulo, 101, 1975.
- CARDOSO, Anabela Ramos; ASSUNÇÃO, Maria Teresa - *Casa da Ínsua. Inventário do Património Cultural Móvel*. s.l. : s.n., 1996, 20 p. dact.
- CARVALHO, Ayres de - *Catálogo da Colecção de Desenhos*. Lisboa : Biblioteca Nacional de Lisboa, 1977.
- Catálogo da Exposição de História do Brasil realizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro a 8 de Dezembro de 1881*, 2 vols. Rio de Janeiro : s.n., 1881.
- Colecção Fotográfica de diferentes cartas, mapas, plantas e projectos referentes ao Brasil anteriormente à sua independência na quasi totalidade*. Lisboa : Sociedade de Geografia de Lisboa, 1922.
- CORRÊA FILHO, V. – *As Raias do Matto Grosso*. São Paulo : Secção de obras d'Estado de S. Paulo, 1925 - 1926, vol. II, p. 39-40.
- COSTA, A. Fontoura da - *Catálogo da Exposição de Cartografia*. In Congresso do Mundo Português. Publicações. Memórias e Comunicações apresentadas ao Congresso de História dos Descobrimentos e Colonização (III Congresso), vol. IV. Lisboa : Comissão Executiva dos Centenários, 1940, p. 387-459.
- COUTO, Jorge – *A construção do Brasil*, 2ª ed. Lisboa : Edições Cosmos, 1997.
- DAVEAU, Suzanne – *Algumas leituras para uma exposição*. In *A Pintura do Mundo. Geografia portuguesa e cartografia dos séculos XVI a XVIII. Catálogo da exposição*. Porto : Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1992.
- DOMINGUES, Ângela – *Viagens de Exploração Geográfica na Amazónia em finais do século XVIII. Política, Ciência e Aventura*. Lisboa : Instituto de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, 1991.
- FARIA, Miguel – *Príncipe da Beira: a fortaleza para além dos limites, Oceanos*. Lisboa, 28, 1996, p. 54-68.
- FERREIRA, Maria Delfina do Rio - *Das Minas Gerais ao Mato Grosso. Génese, Evolução e Consolidação de uma Capitania. A Acção de Caetano Pinto de Miranda Montenegro*. Porto : Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1996 (Dissertação de Mestrado).

FERREIRA, Mário Clemente - O Tratado de Madrid e o Brasil Meridional. Os trabalhos demarcadores das Partidas do Sul e a sua produção cartográfica, 1749-1761. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

FREYRE, Gilberto - Contribuição para uma Sociologia da Biografia. O exemplo de Luiz de Albuquerque, Governador de Mato Grosso no fim do século XVIII, 2 vols. Lisboa : Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1968.

GARCIA, João Carlos – *Nos contrafortes dos Andes: reflexões geográficas sobre a cartografia do Brasil setecentista*. In Portugal e Brasil no advento do Mundo Moderno (coord. Maria da Graça Ventura). Lisboa : Edições Colibri, 2001, p. 91-100.

GARCIA, João Carlos (coord.) – A Nova Lusitânia. Imagens Cartográficas do Brasil nas Coleções da Biblioteca Nacional (1700-1822), Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2001.

GARCIA, João Carlos (coord.) - A mais dilatada vista do Mundo : inventário da colecção cartográfica da Casa da Índia. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2002.

GARCIA, João Carlos (coord.) – A Terra de Vera Cruz : viagens, descrições e mapas do séc. XVIII. Porto : Biblioteca Pública Municipal do Porto, 2000.

GUEDES, Max Justo – *A cartografia da delimitação das fronteiras do Brasil no século XVIII*. In Cartografia e Diplomacia no Brasil no século XVIII. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p.10-38.

GUEDES, Max Justo – A Cartografia do Brasil (1502-1798): reflexos do nascimento e evolução da Cartografia Portuguesa, Lisboa, 1998 (policopiado).

GUERREIRO, Inácio – *As demarcações segundo o Tratado de Santo Ildefonso de 1777*. In: Cartografia e Diplomacia no Brasil no século XVIII. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p. 39-52.

HEAWOOD, Edward – Watermarks mainly of the 17th and 18th centuries. Hilversum (Holland) : The Paper Publications Society, 1950.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr (dir.) – *A época colonial : Do descobrimento à expansão territorial*. In História Geral da Civilização Brasileira. 8ª ed. São Paulo : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 199?, vol I.

LIMA, Henrique de Campos Ferreira – Documentos manuscritos e cartográficos relativos ao Brasil que existem no Arquivo Histórico Militar. Lisboa : s.n., 1942.

MAGALHÃES, J. Romero – *A Construção do Espaço Brasileiro*. In História da Expansão Portuguesa, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, II. Lisboa : Círculo de Leitores, 1998.

MAGALHÃES, J. Romero – *As Novas Fronteiras do Brasil*. In História da Expansão Portuguesa, dir. Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, III. Lisboa : Círculo de Leitores, 1998.

MAGALHÃES, J. Romero e MIRANDA, Tiago dos Reis (coord.) – A Construção do Brasil, 1500-1825. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 2000.

MAGALHÃES, José Romero; GARCIA, João C.; FLORES, Jorge Manuel (coord.s) - Cartografia e Diplomacia no Brasil no século XVIII. Lisboa : Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

MARQUES, Miguel da Silva – Cartografia Antiga : Tabela de Equivalências de Medidas. Lisboa : Biblioteca Nacional, 2001.

PINTO, Orlando da Rocha – Cronologia da Construção do Brasil : 1500 – 1889. Lisboa : Livros Horizonte, 1987.

ROCHA, Andréa - Alexandre de Gusmão : Cartas. Maia : Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1981.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da (Coord.) - Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil. Lisboa : Verbo, 1994.

TATUNAY, Visconde de – História Geral das Bandeiras Paulistas. São Paulo : Typ. Ideal, 1928. vol 3.

VEIGA, Afonso Costa Santos - Luís de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General de Cuiabá e Mato Grosso, 2ª ed. Arouca : R.I.R.S.M.A., 2001.

VEIGA, Afonso Costa Santos – *Viagem do 4º Governador e Capitão General de Cuiabá e Mato Grosso, de Lisboa a Vila Bela da Santíssima Trindade*. In Revista de Ciências Históricas. Porto : Universidade Portucalense, 1998. Vol. XIII, p.195-205.

VITERBO, Sousa – Expedições científico-militares enviadas ao Brasil, introd. Jorge de Faro, 2 vols. Lisboa : Edições Panorama, 1962-1964.

Texto dos Tratados celebrados entre Portugal e Castela:

Tratado de Madrid – 13.01.1750 (D. João V / D. Fernando VI)

Tratado do Pardo (anula o anterior) – 12.02.1761 (D. José I / Carlos III)

Tratado Preliminar de Limites – S.^{to} Ildefonso – 01.10.1777 (D. Maria I / Carlos III)